

Guilherme I, rei da Prussia

I

No volume antecedente do *Archivo* apresentou este periodico aos seus assignantes o retrato do conde de Bismark. No artigo que então escrevi para acompanhar a vera effigie do illustre ministro prussiano, mostrei-me adverso á politica legitimada pela fortuna em Sadowa, e que de então para cá não tem cessado um instante só de progredir nas suas invasões, e de confirmar insolentemente a sua preponderancia no systema geral da Europa.

E, comtudo, a bandeira desfraldada ao vento pelo conde de Bismark é a bandeira da unidade allemã, esse querido sonho das phantasias germanicas, esse ideal constante para que aspiram as populações desde que em 1813 devanearam, entre os delirios da victoria, a resurreição da grande patria, da *Germania mater*, que não fôra por tanto tempo calcada aos pés do estrangeiro, assim o julgavam elles, senão porque as suas divisões intestinas lhe não permittiam uma resistencia energica e desesperada.

Nós todos, que applaudimos o impeto sublime da Italia, unificando-se de norte a sul ao grito da liberdade, despedaçando n'esse movimento os grilhões que a maniatavam e derribando os thronos que a faziam escrava, não podiamos, comtudo, deixar de saudar tambem essa resurreição da pensadora Allemanha, e de applaudir a realisação dos votos, por tanto tempo estereis, dos patriotas de 1813 e de 1848.

Mas a differença era grande; na Italia era a voz do povo que proclamava a unificação, e os clarins de Garibaldi, vibrando diante da Jerichó do despotismo, bastavam para lhe fazerem desabar os muros vacillantes; porque a tribu aventureira, que elle guiava com sublime confiança á conquista da Sicilia e de Napoles, conduzia comsigo a arca santa da liberdade. Na Allemanha, pelo contrario, é a conquista, a conquista brutal, que funde n'uma só nação as potencias do norte. O Piemonte apresenta-se apenas como o filho primogenito da nacionalidade italiana, e lança-se com enthusiasmo nos braços das nações suas irmãs; a Prussia, pelo contrario, declara-se tutora da juvenil Allemanha. O Piemonte funde-se na unidade italiana, e, abdicando todos os privilegios, procura inclusiva-

mente para um novo reino uma nova capital; a Prussia absorve as nações suas visinhas, e centralisa na sua velha Berlin a vida politica e administrativa da Allemanha do norte. Aqui falla-se constantemente na hegemonia prussiana; além nunca se pensou na hegemonia piemonteza. O conde de Bismark, em fim, exclama: «A Allemanha sou eu»; o conde de Cavour morre dizendo: *L'Italia fara da se.*

É edificar na areia, diziamos nós, é renovar em 1867 os erros de 1815, é assentar o templo da nacionalidade allemã sobre o volcão onde rugem, comprimidos ainda, a liberdade e os direitos sagrados dos povos. Os acontecimentos procuraram desmentir a prophecia, e, comtudo, não desistimos d'ella. Demonstra-nos a lição dos seculos que não são impunemente menosprezadas estas verdades fundamentaes, e que os imperios, assentes nos Etnas apagados pelo deus triumphante das batalhas, desabam apenas revolve os membros o Encelado popular, a quem deram por tumulo a cratera.

A paz de Nikolsburgo em 1866, dictada pelos vencedores de Sadowa, além de annexar á Prussia o Hanover, a Hesse Eleitoral, Mecklemburgo e Nassau, partia os laços da velha confederação germanica, e fundava, entregando-a á preponderancia prussiana, uma nova confederação que se intitulava a confederação do Norte. Foi Berlin tambem a séde do parlamento federativo. E desde então até hoje não tem cessado o conde de Bismark de encaminhar tudo para que a unidade se realise completamente, apesar da repugnancia dos pequenos estados. E quem o tem auxiliado n'essa tentativa? Involuntariamente a França, a França com a sua politica hesitante, ora ameaçadora, ora timida, mas sempre desconfiada, e despertando, por conseguinte, as desconfianças allemãs.

Quem consolidou a republica franceza, ameaçada pelas facções internas de dilaceramento, apesar do titulo pomposo de «uma e indivisivel» que adoptára? A Europa, que, ameaçando-a com a sua intervenção, excitou por tal fórma o sentimento nacional, que se calaram odios e rivalidades perante a grande voz da patria em perigo. E, comtudo, é a França hoje que está collocando a Allemanha na mesma posição em que, ha setenta e cinco annos, foi collocada a republica juvenil. As ameaças da França, a sua attitude bellicosa, não tendo nunca solução definitiva, conservam em constante anciedade as nações germanicas, ciosas, primeiro que tudo, da sua independencia nacional.

Uma tal anciedade reduz ao silencio os rancores e as repugnancias dos paizes absorvidos pela Prussia, e obriga-os a agruparem-se inquietos á sombra das bandeiras triumphantes de Guilherme I. Ao pedido de rectificação de fronteiras dirigido pela França á Prussia, á negociação do Luxemburgo, derrotas diplomaticas de que o orgulho francez ainda se resente, aos projectos de organisação do exercito, responderam na Allemanha o tratado militar, pelo qual as potencias do sul, estranhas á confederação prussianna, põem todas as tropas á sua disposição em caso de guerra nacional, e a reorganisação do Zollwerein, essa liga aduaneira, que é, para assim dizermos, a manifestação commercial da unidade allemã.

Conserve-se a França mais algum tempo de arma no braço e sobr'olho franzido, e o conde de Bismark, aproveitando habilmente o orgulho nacional germanico, agrupará em torno da Prussia todos os estados allemães, com exclusão da Austria, apesar da conferencia de Salzburgo, ou antes graças a essa conferencia e a todas as outras manifestações semi-hostis da politica franceza.

II

Na sombra projectada em torno de si pelo grande vulto do conde de Bismark, some-se um pouco a figura do actual rei da Prussia; mas seriamos injustos se fizessemos de Guilherme I uma especie de Luiz XIII d'este moderno Richelieu, de D. José d'este marquez de Pombal germanico. O rei da Prussia acceita de boa vontade o papel secundario que o seu ministro lhe distribue, mas é um executor intelligente e dedicado dos projectos concebidos pelo genio politico do conde. O destino enganou-se. O rei da Prussia seria um optimo secretario de estado do conde de Bismark; mas, reconhecendo isso mesmo, acceita as funcções para que o nomeia o seu primeiro ministro, e desempenha-as com intelligencia e acerto.

Tendo nascido a 22 de março de 1797, o rei da Prussia completou já setenta annos de edade, e apenas seis de governo. Effectivamente, foi a 2 de janeiro de 1861 que elle succedeu a seu irmão, Frederico Guilherme IV; e foi em 1862 que o conde de Bismark subiu ao throno. Desde então até hoje o ministro tem sido inabalavel, e o rei tem seguido com docilidade as evoluções da sua politica. Representante dos principios monarchico-feudaes, o conde de Bismark usou e abusou, em nome de seu amo, da prerogativa régia, calcando aos pés os privilegios da representação nacional, opprimindo-a, desprezando-a, conservando-se intrepidamente no ministerio, a despeito de todas as maiorias opposicionistas, e alliando-se com a Austria para exercer sobre a Dinamarca a pressão indigna, que a Europa contemplou estupefacta, mas de braços cruzados. Subito o conde de Bismark entende que se deve pôr á testa do movimento nacional germanico, para o dirigir em proveito da grandeza da Prussia. N'esse intento malquista-se com a Austria, advoga o principio das nacionalidades, proclama o suffragio universal, e arvora no chapeo o velho laço da *Tugendbund*. O partido feudal, que o levantára nos escudos, e que não penetrava o mysterio da sua politica, solta o grito de traição. O bom do rei, que acceitára perante o partido liberal a responsabilidade das prepotencias de Bismark, acceita agora perante o partido monarchico a responsabilidade do liberalismo apparatoso do seu ministro. Rebenta a guerra: Bismark é a alma dos conselhos estrategicos; Guilherme I desembainha a espada ferrugenta, e ahi vae elle com o principe real e o principe Frederico pôr-se á testa do exercito para executar os planos de Bismark. A guerra é um passeio triumphal; Guilherme I, no fim de sete dias, assenta os seus arraiaes a dois passos de Vienna, como se fosse Napoleão em pessoa, e o seu ministro dá lhe as mais vivas demonstrações do seu agrado.

Bismark emprega o rei tambem com muita vantagem nas negociações exteriores. Serve-lhe para mascarar os fins verdadeiros da sua politica. Em quanto elle, rude e rigido, parece estar sempre ameaçando o mar e o mundo, Guilherme I, affavel e bondoso, dulcifica a diplomacia, e tempera com um sorriso o effeito diabolico das notas de porco-espinho redigidas pelo conde. A cessão do Luxemburgo parece trazer a guerra imminente; mas se n'estes ares tempestuosos é que se dá bem a politica do conde de Bismark, não lhe conviria, comtudo, que se descarregasse a electricidade das nuvens que se agglomeram, negras e procellosas, no horisonte europeu. A ameaça de guerra, pairando sobre as nações allemãs, accelera a fusão; mas, se o raio desabasse, apanhava a Prussia um pouco desprevenida. A *landwehr* só é boa para campanhas de sete dias, e essas fazem-se uma vez; nem é em sete dias que se vae acampar diante de Paris, como se acampa diante de Vienna d'Austria. Por conseguinte, ahi se dirige o rei da Prussia á exposição universal, enviado em missão extraordinaria pelo conde de Bismark. Chega, abraça o imperador, beija o principe imperial, diz madrigaes ás damas, atravessa a ponte de Iena com um sorriso nos labios, corteja toda

a gente com o seu elmo de aguia, e deixa Paris enthusiasmado e a França socegada, merecendo por tudo isso os mais sinceros louvores do seu primeiro ministro.

Razão tem, comtudo, Guilherme I em se fazer assim docil agente da politica do conde de Bismark: graças ao talento do chefe do gabinete prussiano, a casa de Brandeburgo renova com esplendor as tradições de Frederico o Grande, e apaga a lembrança das humilhações do principio d'este seculo, em que fazia parte do cortejo ovante de todos os triumphadores, ou como escrava maniatada quando triumphava Napoleão em Tilsitt, ou como auxiliar secundaria quando o seu rei entrava em Paris, quasi como ajudante de campo do imperador Alexandre, a quem a Europa saudava como o Agamemnon da colligação e o vingador das velhas realezas.

Graças tambem ao talento do conde de Bismark, póde Guilherme I cumprir, com mais esplendor do que os seus antecessores, a missão absorvente que os governos prussianos tem ido ha seculos transmittindo uns aos outros. Esse pensamento constante e egoista de alargar as fronteiras da Prussia, pensamento que ainda hoje preside a todos os actos do governo de Berlin, é o que me faz pensar que ainda não é d'esta vez que a unidade germanica se consolida: porque na Prussia não ha nem boa fé, nem abnegação; porque a idéa da grande patria allemã não apparece a Bismark senão debaixo do aspecto acanhado de uma Allemanha prussiana, e uma união solida e perduravel só póde ter por base sacrificios reciprocos e mutuas concessões.

Desde que um Hohenzollern foi no seculo XV investido do eleitorado de Brandeburgo, começaram-se a manifestar as tendencias da Prussia para a agglomeração vagarosa, mas incessante, dos territorios visinhos em torno de tão magro nucleo. Frederico I morre em 1440, tendo addicionado ao seu patrimonio uma porção do Ukermark, da Pomerania e do Mecklemburgo. Seu irmão, Frederico II, por compras e conquistas, augmenta o legado com a provincia de Neumark, os principados de Cottbus, de Pritz, de Wernigerode e de Teupitz. O eleitor Joaquim, seu successor, não engrandeceu o Brandeburgo, mas seu primo Alberto, grão-mestre da ordem teutonica, tendo-se convertido ao protestantismo, secularisa a ordem e proclama-se grão-duque da Prussia oriental. Estes dois ramos dos Hohenzollern confundem-se n'um só no principio do seculo XVII, e o eleitor João Sigismundo junta ao Brandeburgo os antigos dominios da ordem teutonica. Com estas successivas agglomerações, contava já em 1648 um milhão de habitantes o eleitorado de Brandeburgo.

Foi em 1648 que a paz de Westphalia terminou a guerra dos trinta annos, em que o eleitor Frederico Guilherme tomára uma parte importante; por isso obteve pelo tratado uma grande porção da Pomerania, os tres bispados secularisados de Magdeburgo, Halberstadt e Minden, e o ducado de Cléves, na margem esquerda do Rheno. O seu casamento com Luiza de Orange trouxe-lhe o principado de Orange, que trocou pelo de Neufchatel. O paiz legado a seu filho contava milhão e meio de habitantes.

Já o manto eleitoral tinha bastante amplidão para que se podesse transformar em purpura monarchica. Assim se fez em 1706, proclamando-se o eleitor de Brandeburgo rei da Prussia, debaixo do nome de Frederico I. O novo soberano arredondou o seu territorio comprando Quedlimburgo, e os condados de Meurs, de Linden e de Tecklimburgo. Succede-lhe Frederico Guilherme I, que augmenta o patrimonio, por meio de conquistas, com o ducado de Gueldre e outra porção da Pomerania. Seu filho, Frederico II, o Grande, recebe, ao subir ao throno, um reino com dois milhões e meio de habitantes.

Esse corta á larga no arminho imperial, e orla a sua purpura recente com a larga faxa da Silesia. Depois cae sobre a desgraçada Polonia, que vae dar os primeiros passos na via dolorosa. A sua longa tunica dividem-n'a entre si a Prussia, a Austria e a Russia. Graças a essa iniquidade, Frederico Guilherme II recebe, por morte de seu tio, um estado de cinco milhões e meio de habitantes.

O novo monarcha, infeliz nas guerras com a republica franceza, perde no Occidente os ducados de Cléves e de Gueldre, mas, em compensação, engrandece-se no Oriente recebendo nova porção dos despojos da Polonia. Succede-lhe Frederico Guilherme III, e, durante o seu reinado, a Prussia, esmagada pelo carro ovante de Napoleão, julga por um momento que a espada do grande conquistador a vae apagar da carta da Europa. Cerceada no Oriente e no Occidente, esgota durante sete annos até ás fezes o calice das humilhações. Mas d'esse passageiro eclipse resurgiu mais brilhante a fortuna de Brandeburgo. Teve de ceder á Russia uma parte do seu quinhão polaco, mas recebeu em troca a Westphalia, as provincias rhenanas, o resto da Pomerania e metade da Saxonia. Era de dez milhões de habitantes em 1815 o reino da Prussia, e a sua população, pelo successivo desenvolvimento agricola e commercial, duplicou em cincoenta annos, sendo de vinte milhões em 1865.

Frederico Guilherme IV não teve ensejo de arredondar o seu territorio; coube a Guilherme I a gloria de rectificar a conformação da Prussia, absorvendo o Hanover, desde 1815 cubiçado; de lhe alargar as fronteiras; de a elevar ao fastigio do poder; e de lhe dar, com o estabelecimento da confederação do Norte, o peso com que uma nação de trinta milhões de habitantes, amparada, em consequencia da sua organisação militar especialissima, por mais de um milhão de bayonetas, póde actuar na balança da Europa. Os ossos de Frederico II devem estremecer de jubilo no seu tumulo de Potsdam.

Parece-me, pois, natural e justo que Guilherme I sustente no poder, a todo o transe, o ministro que illuminou de tão brilhante luz a historia do seu reinado, e que doirou a sua velhice com tão inesperados esplendores. Mas maior gloria caberia ainda ao nobre velho se, apoiando o conde de Bismark, soubesse ao mesmo tempo contel-o na estrada real da liberdade, fóra da qual não póde haver, no seculo XIX, senão atalhos perigosos que vão dar a precipicios. Fundando a unidade germanica nas suas bases racionaes, inscreve o seu nome no frontão de um edificio que desafiará os seculos; proseguindo impassivel no seu projecto de engrandecimento da Prussia, não faz senão amontoar pedras cimentadas apenas com o sangue das victorias: venha o vendaval do infortunio, e o edificio demolido baqueará em terra, porque tem na sua mesma elevação o primeiro elemento de ruina.

M. Pinheiro Chagas.

ABENÇOADOS SEJAM OS QUE PERDOAM

(Vid. pag. 187)

No livro em que Soledade lia pintava Fernão Caballero, com toda a magia do seu admiravel pincel, a mulher boa, honrada e santa, nas duas phases de virgem e mãe, de filha e esposa.

Conforme a triste Soledade ia lendo, os olhos arrasavam-se-lhe em lagrimas, e o rosto cobria-se-lhe de mortal pallidez. Notaram-n'o commovidos seus irmãos, e o mais velho estendeu a mão como indicando-lhe que suspendesse a leitura; porém, como Soledade continuasse, Miguel aproximou-se d'ella, fitando alternativamente a vista no rosto da joven e na pagina que seguia á que Soledade estava lendo.

Tratei de explicar tudo aquillo e disse para mim:

— A leitura d'esse livro, tão puro e bello em todos os seus conceitos, commove essa pobre joven, porque Soledade terá a propensão que tem a querida companheira da minha vida, que me espera impaciente na aldeia, quando vê a expressão das suas dores e das suas alegrias nos livros que lê. Os seus irmãos comprehendem-n'a, mas não a interrompem, esperando que a leitura se refira a diverso assumpto, e com esta esperança Miguel examina a pagina que segue á que Soledade está lendo.

A donzella retratada por Fernão Caballero ia receber o nome de esposa, innocente e pura como saira das entranhas maternaes, idolo dos mancebos, e orgulho e felicidade de seus paes e irmãos.

Então a pobre Soledade deixou cair o livro, e ella propria houvera caído no solo após o livro, se Miguel não tivesse o cuidado de sustental-a nos seus braços, presa de um desmaio que parecia mortal.

Foi grande a inquietação que tal successo produziu na casa. Foi-se logo chamar o medico da aldeia, e entretanto Miguel, tomando em seus robustos braços a irmã, a conduziu para o leito, onde seus irmãos e elle, chorando como debeis mulheres, lhe prodigalisavam todos os cuidados e consolações que póde prodigalisar a uma filha a mais terna e solicita mãe.

Apenas se divulgou a noticia de que Soledade estava gravemente enferma, quasi todos os habitantes da aldeia acudiram á casa grande com o louvavel intuito de consolar e auxiliar a triste joven.

Esta recuperou dentro em pouco os sentidos para desfazer-se em duas torrentes de lagrimas.

Durante a noite seus irmãos velaram á cabeceira do leito.

— Se a dor que opprime essa joven, disse para commigo, é a de ter perdido sua mãe, a sua dor é infundada, pois como póde achar de menos sua mãe quem encontra o amor e a solicitude maternaes em quantos entes a rodeiam!

No dia seguinte Soledade estava já melhor, e a inquietação de seus irmãos e dos visinhos cessára quasi completamente.

Comprehendendo que n'aquella casa havia algum mysterio, e portanto seria incommoda a presença de um forasteiro a quem era necessario occultal-o, resolvi-me a partir, não obstante as instancias de Miguel e seus irmãos, incluindo a propria Soledade, que queriam oppor-se á minha resolução.

Miguel empenhava-se em acompanhar-me até á base da montanha, em cujo cimo se levantava a aldeia.

Durante o caminho fallámos de Soledade, e mais de uma vez observei que os olhos de Miguel se humedeciam quando eu expressava o interesse que me inspirava aquella triste joven.

— Quando sua irmã, disse, inspira tanto affecto e tanto interesse a todos quantos a conhecem, deve ser muito boa...

— E muito desgraçada! me respondeu Miguel.

— Tem razão, que a desgraça é um titulo tão sagrado como a bondade para o amor e compaixão das almas nobres.

Miguel, ouvindo estas palavras, que expressavam a convicção profunda da minha alma e de toda a minha vida, comprehendeu que no meu coração se agitavam sentimentos similhantes aos que se agitavam no seu, embora Deus não lhe houvesse concedido a arte de revelal-os perfeitamente com a palavra.

Os olhos de Miguel humedeceram-se, e a sua mão procurou a minha para apertal-a.

— Não quero, disse-me, separar-me de v. , talvez para sempre, com o remorso de ter occultado alguma coisa a quem sente o que eu sinto. Oiça, pois, a historia das dores que deve ter adivinhado existirem na minha familia.

— Sim, sim, Miguel, adivinhei que as tem muito profundas, embora não adivinhasse a causa. Qualquer que seja a causa, todavia, respeital-a-hei e choral-a-hei com a sua familia onde quer que me encontre.

E caminhando por aquellas risonhas collinas e por aquelles ferteis valles, onde só a evidencia demonstra que a dor póde alli fructificar, Miguel contou-me a historia das angustias de sua familia.

Deixem-me prescindir da phrase anti-litteraria do rude mas nobre aldeão, e traduzir os seus conceitos na minha phrase; porque se Miguel fallava só para que um homem o comprehendesse, eu escrevo para que me comprehendam os homens, as mulheres e tambem as crianças.

III

Ha cêrca de doze annos os sinos da aldeia dobravam a finados, e um crepe negro cobria tambem desde a noite anterior o escudo das armas da casa grande.

Em quanto a maior parte dos moradores da aldeia acompanhava um feretro que se dirigia para o cemiterio, os restantes procuravam na casa grande consolar a pobre Catalina, que acabava de ficar viuva com cinco filhos, o primogenito de treze annos e o mais novo de alguns mezes.

— Santa Virgem de Begonha! exclamava Catalina, desfazendo-se, como seus filhos, em um mar de lagrimas: tende compaixão de meus filhos, que já não existe no mundo para elles outro amparo que o de uma debil mulher!

— Catalina, por Deus, dizia uma de suas visinhas, não te afflijas d'esse modo, porque a tua casa não fica desamparada. Tens filhos pequenos, é verdade, porém Miguel será em breve homem, e se até aqui foi descuidado e travêsso, de hoje em diante será trabalhador e judicioso, e servirá de pae a seus irmãos.

— Não lhes servirá, não, que é a pena com que o meu pobre Ignacio entregou hontem á noite a alma ao Creador.

E Catalina e seus filhos, e quantos estavam presentes, redobraram suas lagrimas e lamentos.

De repente, Miguel, que chorava agachado a um canto da sala, levantou-se com a attitude de quem toma uma resolução definitiva, firme, incontrastavel, enxuga as lagrimas com o reverso da mão, e adiantando-se para sua mãe, exclamou em tom energico e solemne:

— Minha mãe! acabaram-se os brinquedos, os descuidos e as travessuras, porque desde hoje é homem o que hontem era criança! Os meus irmãos perderam um pae, mas fica-lhes outro tão honrado, trabalhador e carinhoso como o que perderam. Sou ainda novo, porém Deus me dará forças no corpo e na alma para protecção e conforto de minha mãe e de meus irmãos.

Dizendo isto, Miguel aproximou-se da janella d'onde se descobria o cemiterio na collina proxima, cuja porta atravessava n'aquelle instante o feretro contendo os restos de seu pae, e accrescentou estendendo as mãos para o cemiterio:

— Meu pae! descança em paz no seio de Deus, que eu te prometto, pela salvação da minha alma, estimar e proteger minha mãe e meus irmãos como tu os estimavas e protegias!

Catalina estreitou nos braços o filho querido, misturando o pranto da angustia com o da ternura.

— Eu te abençôo, filho das minhas entranhas! exclamou. Que te abençoem tambem Deus e teu pae, que hão de contemplar do ceo os teus esforços para amparar a tua familia e conservar sem nodoa a honra da tua casa!

Na casa onde isto se passava havia uma imagem da Virgem de Begonha, em cujo adorno Catalina empregava as flores mais formosas d'aquelles campos, e á qual allumiava constantemente com a cera mais pura do seu colmeal.

Catalina ajoelhou-se ante aquella reverenciada imagem, exclamando com a immensa fé que enthesourava no coração:

— Santissima Virgem de Begonha! dá-me dez annos de vida para que, ao fechar por ultima vez os olhos, veja adultos já todos os meus filhos. Se esta graça me concederes, quando se completar esse ditoso praso os meus filhos e eu iremos ao teu milagroso sanctuario levar-te a offerenda da nossa gratidão.

Aquelles de seus filhos que comprehendiam o valor d'esta promessa imitaram sua mãe ajoelhando ante a imagem, e ratificaram o voto de Catalina.

Quando enterraram Ignacio era um sabbado. No dia seguinte, apenas se ouviu o primeiro toque da missa, os habitantes da aldeia foram-se aproximando do templo.

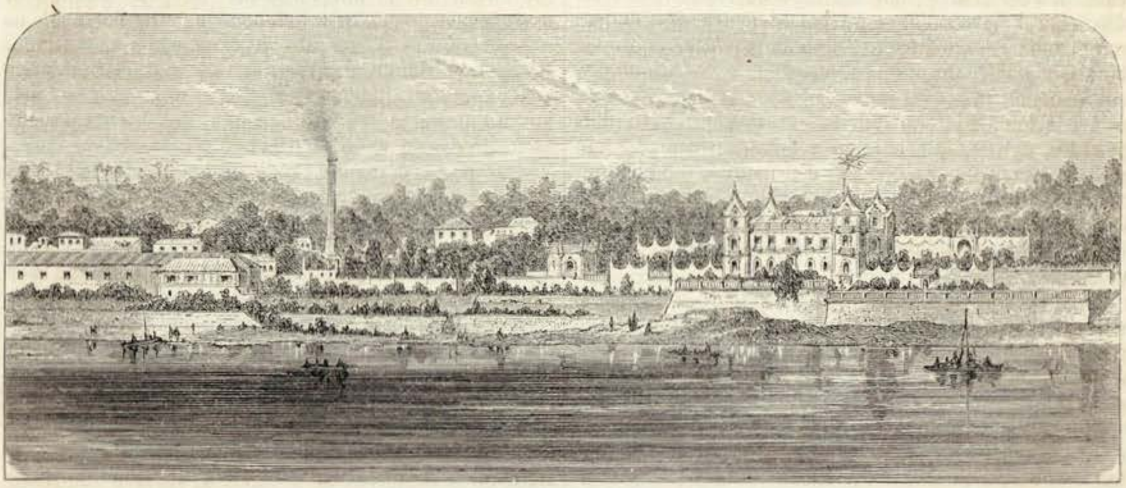
As mulheres, em todas as partes mais piedosas que os homens, entravam na egreja conforme chegavam para assistir ao rosario que o sr. cura rezava antes da missa, ao passo que os homens se reuniam debaixo dos freixos que sombreavam o campo da egreja para esperar alli o toque da entrada, fumando cachimbo e discutindo os assumptos da aldeia com a gravidade que vamos ver:

— Ahi vem o sr. alcaide. Será milagre que não assente hoje alguma multa, porque vem das herdades e alguma sebe terá encontrado aberta.

O alcaide passava, com effeito, por uma herdade fronteira, encaminhando-se para a egreja, e chegou ao adro saltando por uma sebe atravessada por uma taboa, cujos extremos se apoiavam em duas estacas enterradas no solo, com o fim de formar um degrau interior e outro exterior.

Era o alcaide um ancião que nem por seu trajo, nem por suas mãos callosas, se distinguia da generalidade dos habitantes da aldeia. A sua physionomia, ordinariamente risonha, estava então muito grave.

— Mau! murmurou um tal Domingos observando isto mesmo. O sr. alcaide deixou na herdade o sorriso que levou.



Palacio, quinta e fabrica do Freixo

— Bons dias, sr. alcaide, disseram todos os presentes lançando mão aos barretes.

— Bons dias lhes dê Deus, respondeu o alcaide sem perder a sua costumada seriedade, e accrescentou dirigindo-se a Domingos:

— Vae immediatamente entregar ao beleguim duas pecetas de multa pela sebe que tens aberta na geira do regato.

— Perdoe-me, sr. alcaide, exclamou Domingos aterrado.

— Não posso perdoar, replicou o alcaide interrompendo severamente o attribulado Domingos e dando com a bengala no solo. Aprenderás assim a ter cuidado nas sebes, pois que os teus visinhos não hão de pagar o teu descuido. O que tenha só geiras é senhor de deixal-as abertas, porque no peccado encontra a penitencia se o gado entra e lhe come o milho; mas o que as tenha nas margens da herdade ou quinta ha de ter bem fechada a sebe que lhe pertença ou ha de pagar a multa. Desde que assumi as funcções da alcaidia ainda não lancei nenhuma, porém já se me acabou a tolerancia, em vista de que em vv. não ha emenda.

— Sr. alcaide, se n'essa herdade quasi ninguem mais que eu tem geiras...

— Tem estes, replicou o alcaide indicando dois visinhos chamados por alcunha um Cascarrabias e o outro Aranha. Parece-te que ficarão contentes se, por tolerar que tenhas aberta a sebe, entrarem as vaccas e os cerdos e lhes destruam o milho? Nada, nada: duas pecetas de multa, para ver se a lição te serve de alguma coisa.

— Mas, sr. alcaide, disse Domingos, como hei de dar as duas pecetas se não tenho uma pequena moeda de cobre?

— Terás, porém, algum movel que o beleguim te levará em penhora.

Domingos estava a ponto de chorar.

— Vamos, sr. alcaide, disse Cascarrabias, perdôe ao pobre Domingos por esta vez.

— Sim perdôe-lhe, accrescentou Aranha.

— A indulgencia ha de chegar a tempo. Castigando uma falta se evitam cem.

— Bem vê, todavia, sr. alcaide, que este e eu somos as unicas pessoas ás quaes prejudica o descuido de Domingos, e aqui estamos ambos a pedir-lhe que perdôe ao pobre homem.

— Pois então, disse o alcaide, está perdoado por esta só vez. Seria bem feito que as moscas vos comessem já que vos fazeis de mel.

O alcaide dirigiu-se para outro grupo em que estavam os restantes funccionarios de justiça, depois de receber repetidos agradecimentos de Domingos e dos demais visinhos.

N'aquelle instante Catalina e seu filho Miguel, revelando a sua dor no rosto e no trajo, passaram dirigindo-se á egreja.

(Continúa)

QUINTA E FABRICA DO FREIXO

JUNTO Á CIDADE DO PORTO

O soberbo palacio da quinta do Freixo é uma residencia digna de um principe. Dão-lhe jus a essa honra a grandiosidade da construcção, a nobreza e ornamentação das suas quatro fachadas, e, além de tudo isto, a encantadora belleza da sua situação.

Edificado em uma collina, na margem direita do Douro, em uma volta que faz o rio, na aldeia e freguezia de Campanhã, perto da cidade do Porto, estendem-se por diante das suas frontarias diversos taboleiros de jardins, d'onde os olhos relanceiam variados panoramas, qual mais ameno e formoso.

O estilo do palacio é o da renascença, como vogava nos principios do seculo XVII, isto é, sobrecarregado de ornamentos. É um edificio quadrangular, rematando as suas fachadas em quatro pavilhões, que da parte de oéste e léste resaltam muito para fóra dos corpos centraes, e da parte do norte e sul resaltam pouco, tendo mais um andar, cujo telhado é pyramidal. A sua fachada mais nobre cae sobre um vasto jardim, decorado no centro com um lago de repuxo, nos lados com balaustradas e vasos de pedra que deitam para pomares ajardinados, plantados em terreno mais baixo, e na frente com balaustradas e vasos que dão sobre o Douro.

As fachadas lateraes deitavam outr'ora para dois grandes pateos, que hoje se vêem transformados em jardins. Na frontaria opposta á principal, o andar nobre dá saida para uma rua comprida e larga, que vae correndo a meia encosta da collina, sobranceira aos jardins lateraes, e ornada com viveiros para aves e cascata.

Corresponde interiormente o palacio ao seu aspecto exterior. Tem grandes e bellas salas, modernamente restauradas, e guarnecidas com riqueza e bom gosto. A sala que dá saida para a rua acima referida foi reconstruida no estilo arabe, imitando alguma coisa a architectura da Alhambra, de Granada. O pavimento é de marmores de variadas côres, formando differentes e engraçados mosaicos. No meio da sala ergue-se uma fonte de marmore, de esbelto desenho e decorada com delicados lavores. As paredes são pintadas segundo o gosto arabe, ostentando diversidade de côres garridas. O salão de musica e de baile é vasto e de muita altura. As paredes, tecto e uma galeria que o circunda, são ornamentados com bonitas doiraduras e pinturas. A sala chineza, que tirou o seu nome das antigas pinturas que a decoravam, representando paizagens e costumes dos chins, apresenta agora exactamente os mesmos desenhos, mas feitos de estuque com muito primor.

Não sabemos a epocha precisa em que foi construido o palacio do Freixo. A julgar pela sua architectura, devia ser no seculo XVII. Entretanto, suppomos que é fundação do seculo XVIII. O que é certo é que no terceiro quartel do seculo XVIII pertencia, com a quinta annexa, a Vicente de Noronha Leme Cernache. Pelo casamento de uma filha d'este fidalgo, chamada D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache, com João Antonio Salter de Mendonça, 1.° visconde de Azurara, veiu aquella propriedade para a casa de Azurara. Haverá uns dez annos, ou pouco mais, foi vendida pelo sr. Jorge Salter de Mendonça, 2.° visconde de Azurara, ao sr. Vellado, a quem el-rei o sr. D. Luiz concedeu no anno passado o titulo de barão do Freixo.

Tanto o palacio como os jardins achavam-se ao tempo d'aquella venda em deploravel estado de decadencia, por effeito de quasi completo abandono durante longos annos. O palacio, graças á solidez da sua construcção, mostrava pouca ruina externamente; porém no interior estava muito deteriorado, não só pela acção do tempo, pois que a chuva e o vento penetravam por todas as salas através das vidraças despedaçadas, mas tambem pela devastação dos homens.

Felizmente, foi parar a boas mãos esta magnifica propriedade. O sr. barão do Freixo mandou-a restaurar com muito acerto e bom gosto, conservando ao edificio todas as feições primitivas.

A esta esplendida residencia annexou o novo proprietario um importante estabelecimento industrial, fundando na quinta, a alguma distancia do palacio, para o lado da cidade do Porto, uma fabrica de sabão, que se acha muito bem organisada e acreditada pela excellente qualidade dos seus productos.

A vista, que offerecemos aos nossos assignantes, do palacio, quinta e fabrica do Freixo, é cópia de uma photographia. I. DE VILHENA BARBOSA.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

(Vid. pag. 150)

DUQUE DE VICTORIA (1812)

Creou este titulo o principe regente D. João, por decreto de 17 de novembro de 1812, para galardoar os serviços prestados á independencia de Portugal, na guerra contra os exercitos de Napoleão I, por Arthur Wellesley, duque de Wellington, marechal general dos exercitos alliados anglo luso, e já elevado pelo mesmo principe regente a conde de Vimeiro por decreto de 13 de maio de 1811, e a marquez de Torres Vedras por decreto de 17 de dezembro de 1811.

Este illustre general obteve como premio dos seus triumphos na Asia e na Europa, além d'aquelles, os seguintes titulos: em Inglaterra, marquez de Wellington, marquez do Douro, conde de Wellington, visconde Wellington Talavera, barão do Douro de Wellesley, par do reino unido; em Hespanha, duque de Cidade-Rodrigo, grande de 1.ª classe; e nos Paizes Baixos, principe de Waterloo.

Descendente de uma familia muito antiga e illustre, teve por pae a Garret Wellesley, 1.° conde Mornington, 1.° visconde de Wellesley do Castello de Dengan, e 2.° barão de Mornington. Seu filho, Arthur Ricardo Wellesley, duque de Wellington, é ao presente 2.° duque de Victoria, 2.° marquez de Torres Vedras, 2.° conde de Vimeiro.

DUQUE DA TERCEIRA (1832)

Em recompensa dos eminentes serviços prestados á liberdade e á restauração do throno da sr.ª D. Maria II por Antonio José de Sousa Manuel e Menezes Severim de Noronha, 7.° conde de Villa Flor, 9.° copeiro-mór, foi este fidalgo elevado ás honras de duque da Terceira por decreto de 8 de novembro de 1832, de sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV, regente do reino na menoridade de sua augusta filha, a sr.ª D. Maria II.

Nascido aos 18 de março de 1792, e fallecido em 26 de abril de 1860, sendo ministro da guerra e presidente do conselho de ministros, o duque da Terceira gozou mais dos seguintes titulos, honras e cargos: marquez de Coruche, por decreto del-rei o sr. D. Pedro IV, em 1827, que não se verificou então por causa dos acontecimentos politicos que se realisaram n'este paiz, mas que foi confirmado, mudando-se o titulo no de marquez de Villa Flor, por decreto de 14 de janeiro de 1833, do sr. D. Pedro, duque de Bragança, regente do reino; duque parente; estribeiro-mór e gentil-homem da camara de sua magestade; par do reino; conselheiro de estado; ministro de estado; marechal do exercito; presidente do supremo conselho de justiça militar, etc. Foi agraciado com um grande numero de condecorações nacionaes e estrangeiras.

Foi 1.° conde de Villa Flor o 6.° avô do duque da Terceira, D. Sancho Manuel de Vilhena, aquelle ce-

lebre general que, entre os muitos loiros que valorosamente ganhou nas guerras da independencia de Portugal, conta-se a famosa victoria do Ameixial, em 1663, na qual destroçou completamente, com forças muito inferiores, o exercito castelhano, commandado por D. João d'Austria, fazendo-lhe 6:000 prisioneiros, tomando-lhe 1:400 cavallos e toda a artilheria, e matando-lhe 4:000 homens.

D'este 1.º conde de Villa Flor foi 5.º avô D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cêa e de Cintra em Portugal, irmão da infanta D. Constança, 1.ª mulher do nosso rei D. Pedro I, sendo infante; e neto do infante D. Manuel, filho de S. Fernando, 3.º do nome, rei de Castella.

Não tendo deixado descendencia o duque da Terceira, extinguiu-se este titulo por morte da duqueza viuva, D. Maria Anna Luiza Philomena de Mendoça, filha dos 1.ºs marquezes de Loulé, camareira-mór de suas magestades as rainhas, as sr.as D. Estephania e D. Maria Pia de Saboya, a qual falleceu no 1.º de julho de 1866.

DUQUE DO PORTO (1833)

Querendo o sr. D. Pedro, duque de Bragança e regente do reino, galardoar os serviços e perpetuar a memoria dos sacrificios que estavam fazendo os habitantes da cidade do Porto, durante o seu memoravel cêrco, á causa da liberdade do paiz e da restauração do throno de sua augusta filha, a sr.ª D. Maria II, creou o titulo de duque do Porto, por decreto de 4 de abril de 1833, para o segundo filho que a rainha houvesse de ter. Passados cinco annos, nascendo o sr. infante D. Luiz, hoje rei, 1.º do nome, foi intitulado duque do Porto, em execução d'aquelle decreto.

É 2.º duque do Porto sua alteza sereníssima o sr. infante D. Affonso Henriques, 2.º filho de suas magestades el-rei o sr. D. Luiz I e a rainha sr.ª D. Maria Pia de Saboya, o qual nasceu no dia 31 de julho de 1865.

DUQUE DE PALMELLA (1833)

Creou este titulo o sr. D. Pedro, duque de Bragança, regente do reino, por decreto de 13 de junho de 1833, em favor de D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º marquez e 1.º conde de Palmella, como premio dos muitos e relevantes serviços por elle prestados á causa da liberdade e da restauração do throno da sr.ª D. Maria II.

Teve mais os titulos e cargos que seguem, além de diversas condecorações nacionaes e estrangeiras: conde de Sanfrè, no Piemonte; capitão da guarda real dos archeiros; par do reino e presidente da camara dos pares; conselheiro de estado e ministro de estado honorario; ministro plenipotenciario e embaixador em diversas côrtes da Europa; marechal de campo, posto de que deu a sua demissão, etc. Nasceu em Turim a 8 de maio de 1781, e falleceu em Lisboa a 12 de outubro de 1850, deixando larga successão do seu consorcio com D. Eugenia Francisca de Assis Xavier Telles da Gama, dama da rainha a sr.ª D. Maria II, e da ordem de Santa Isabel, filha dos 7.ºs marquezes de Niza.

Esta familia é um ramo da dos duques de Lafões [1]. São communs a ambas o appellido de Sousa e o tronco da arvore genealogica. Tambem o brazão d'armas lhes foi commum até ao casamento de D. Luiza Casimira de Sousa, marqueza de Arronches, representante do ramo primogenito da familia Sousa, com o principe D. Miguel, filho legitimado del-rei D. Pedro II. Por esta occasião foi o escudo d'armas reformado, accrescentando-se-lhe mais dois escudos das armas reaes de Portugal.

O appellido de Holstein veiu á familia Palmella pelo casamento da princeza Marianna Leopoldina de Holstein, filha de Frederico Guilherme, duque de Holstein, herdeiro de Noruega, e da duqueza Maria Antonia Josephina de Sanfrè, com D. Manuel de Sousa, avô de D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º duque de Palmella.

Presentemente é 3.ª duqueza de Palmella sua neta, a sr.ª D. Maria Luiza de Sousa Holstein, casada com o sr. duque Antonio de Sampaio e Pina Brederode, 2.º filho dos 1.ºs viscondes da Lançada.

DUQUEZA DE FICALHO (1836)

A sr.ª D. Maria II, por decreto de 14 de maio de 1836, elevou ás honras de duqueza a sua camareira-mór, marqueza do mesmo titulo, D. Eugenia de Almeida, filha dos 3.ºs marquezes de Lavradio, e viuva de Francisco de Mello, 2.º conde e 5.º senhor de Ficalho. Foi, por conseguinte, D. Eugenia de Almeida 2.ª condessa, 1.ª marqueza e 1.ª duqueza de Ficalho.

A familia dos marquezes de Lavradio, de que procede, é das mais illustres do reino, pois teve principio em Paio Guterres, esforçado cavalleiro do tempo del-rei D. Sancho I, ao qual, por ter conquistado aos moiros a villa torreada de Almeida, appellidaram *Almeidão*. Paio Guterres era filho de Sueiro Paes e neto de Pelayo Amado, fidalgo da corte do conde D. Henrique de Borgonha e valido d'este principe. Mas para nobreza dos marquezes de Lavradio basta-lhes, certamente, contar na sua arvore genealogica, entre varios heroes que se illustraram na Asia, o grande D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei da India.

Por morte de D. Eugenia de Almeida acabou o ducado de Ficalho. Seu filho primogenito, o sr. Antonio de Mello, é actualmente 2.º marquez, 3.º conde, e 6.º senhor de Ficalho.

DUQUE DE SALDANHA (1846)

A rainha sr.ª D. Maria II creou duque de Saldanha, por decreto de 4 de novembro de 1846, ao sr. João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, 1.º marquez e 1.º conde de Saldanha, titulos que lhe foram dados, juntamente com outros actos da munificencia régia, em recompensa das victorias e brilhantes feitos d'armas com que tão poderosamente concorreu para o triumpho completo da liberdade e da dynastia reinante.

O sr. duque de Saldanha nasceu em Lisboa a 17 de novembro de 1790, e foi o 9.º filho dos 1.ºs condes de Rio Maior. Além de muitas condecorações, nacionaes e estrangeiras, que não mencionâmos por brevidade, tem sido elevado ás seguintes honras e cargos: duque parente; mordomo-mór da casa real; par do reino; conselheiro de estado e ministro de estado honorario; ministro plenipotenciario e embaixador a differentes soberanos da Europa; marechal do exercito, etc.

Não obstante ser o titulo de conde de Rio Maior de moderna data, pois que foi conferido pelo principe regente D. João, por decreto de 8 de janeiro de 1803, a João de Saldanha Oliveira e Sousa, 16.º senhor do morgado de Oliveira, pae do sr. duque de Saldanha, a nobreza d'esta familia vem de muita antiguidade, por quanto o seu morgado foi instituido no anno de 1268. Além d'isso, os morgados de Oliveira foram-se enlaçando, no correr dos seculos, com as primeiras familias do reino, illustrando-se ao mesmo tempo na carreira das armas por distinctos serviços ao paiz.

O sr. duque de Saldanha conta entre as nobilitações que mais aprecia a de ser neto do grande ministro del-rei D. José I, por sua mãe, D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, 3.ª filha dos 1.ºs marquezes de Pombal.

DUQUE DE LOULÉ (1862)

Ao cabo de longos serviços prestados á nação no desempenho de altos cargos, entre os quaes avulta o de ministro de estado do immortal duque de Bragança durante o cêrco da cidade do Porto, o sr. Nuno José de Mendoça Rolim de Moura Barreto, 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis, 24.º senhor de

[1] Vid. pag 152.

Azambuja, 12.º senhor da Povoa e Meadas, e 14.º senhor do morgado da Quarteira, foi feito duque de Loulé por el-rei o sr. D. Luiz I, por decreto de 3 de outubro de 1862.

O sr. duque de Loulé nasceu a 6 de novembro de 1804, e casou no 1.º de dezembro de 1827 com sua alteza serenissima a sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria, 6.ª filha del-rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon.

Deixando de mencionar os differentes cargos e commissões do serviço publico que outr'ora exerceu, bem como as condecorações nacionaes e estrangeiras que possue, diremos que ao presente é estribeiro-mór de sua magestade; par do reino; conselheiro de estado e ministro de estado honorario, etc.

Esta familia descende dos antigos soberanos biscaynhos, que já reinavam no seculo IX com o titulo de condes e senhores de Biscaya, e cuja soberania acabou encorporando-se este paiz a Castella, pelo consorcio de D. Joanna Manuel, 12.ª condessa, senhora de Biscaya, com D. Henrique II, rei de Castella.

D. Diogo Lopes de Mendoça, d'essa illustre linhagem, e sua mulher, D. Leonor, filha de Fernão Pires de Lara, que era meio irmão del-rei D. Affonso VII de Castella, tiveram por 3.º filho a Fernão Inigues de Mendoça, o qual, passando a Portugal no sequito da rainha D. Brites, mulher do nosso rei D. Affonso III, casou n'este reino com D. Guiomar Affonso de Rezende, e n'elle deu principio á familia dos Mendoças.

Antonio de Mendoça, 4.º neto de Fernão Inigues, casou com D. Isabel de Castro, filha de Fernão de Almada, 2.º conde de Abrantes, e da condessa D. Constança de Noronha, neta de D. Affonso, conde de Gijon, filho legitimado del-rei D. Henrique II de Castella, e de D. Isabel, filha tambem legitimada del-rei D. Fernando I de Portugal.

João de Mendoça, 3.º neto do acima referido Antonio de Mendoça, foi vice-rei da India e general da armada em Portugal. Acompanhando a Africa el-rei D. Sebastião, ahi morreu na infeliz batalha de Alcacer-Quibir. Do seu casamento com D. Joanna de Aragão, filha de Nuno Rodrigues Barreto, alcaide-mór de Faro, e irmã de D. Francisca de Aragão, mulher de D. João de Borja, filho do 4.º duque de Gandia, teve a Nuno de Mendoça, que foi 1.º conde de Valle de Reis, governador de Tanger, conselheiro de estado e governador de Portugal, conjunctamente com D. Antonio de Attayde, 1.º conde de Castro-Daire, sob o dominio dos Filippes de Castella.

Pelo consorcio de Nuno de Mendoça, 2.º conde de Valle de Reis, com D. Luiza de Castro, filha herdeira de Ruy de Moura Telles, senhor da Povoa e Meadas, conselheiro de estado, veador da fazenda, presidente do desembargo do paço, estribeiro-mór da rainha D. Luiza de Gusmão e gentil-homem da camara do infante D. Pedro, e de sua mulher, D. Luiza de Castro, filha de D. Francisco Rolim de Moura, 14.º senhor de Azambuja, vieram a ser os condes de Valle de Reis, depois marquezes de Loulé, e ao presente o sr. duque de Loulé, herdeiros e representantes d'essa illustre e antiquissima familia, que tem por tronco a D. Childe Rolim, um dos fidalgos estrangeiros que, aportando ao Tejo casualmente em uma armada de cruzados inglezes, francezes e allemães, ao tempo que el-rei D. Affonso Henriques expugnava Lisboa aos moiros, o ajudaram a conquistar esta cidade. El-rei, além de lhes permittir o saco da cidade, offereceu terras aos que quizessem ficar no paiz. Childe Rolim, ou, como alguns auctores pretendem, um seu filho ou parente, acceitou a offerta, e fundou nas terras que lhe foram doadas a villa da Azambuja, de que foram donatarios os seus descendentes até ao sr. duque de Loulé, que é o 24.º senhor d'ella.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ANNIVERSARIO

Dá-se este nome aos dias que perpetuam a memoria de um facto consummado em egual dia do anno anterior.

A maioria das festas são anniversarias. O calendario é, propriamente fallando, uma serie de anniversarios.

Entre os judeus, a Paschoa recordava a saída do Egypto; o Pentecostes a promulgação da lei; e a festa das sortes o triumpho alcançado por Esther. Assim é tambem entre os christãos. As solemnidades do Natal, da Epiphania, das Paschoas, da Ascensão e do Pentecostes, referem-se a egual dia do anno em que se consummou o mysterio que celebram.

Os mezes do anno para os athenienses eram um resumo de seus annaes, e recordavam os principaes rasgos da sua gloria, taes como a reunião dos povos de Attica por Theseo, o regresso d'este principe aos seus estados, a abolição de todas as dividas realisadas por elle, as batalhas de Marathon, de Salamina, e aquella cujo anniversario tomou tambem o nome de festa da liberdade.

O primeiro dia do anno entre os romanos era, por assim dizer, o anniversario da fundação de Roma, epocha d'onde datava a era romana, *ab urbe condita*.

O primeiro dia do anno entre os mahometanos, que datam da hegira, ou do dia em que Mahomet foi obrigado a fugir de Meca, é um anniversario.

Chama-se tambem anniversario o dia que corresponde ao do obito de qualquer particular e as solemnidades funebres que relembram annualmente tão lastimoso acontecimento; e assim é a commemoração dos finados na egreja romana.

Encontra-se instituição identica nos povos mais barbaros.

No reino de Benin, os habitantes celebram por meio de sacrificios o anniversario da morte de seus antepassados. Os laponios immolam todos os annos em honra dos ascendentes os renas que comem em um festim. Em Tonquin, as crianças são obrigadas a commemorar toda a vida o anniversario da morte de seus pae e mãe. Celebra-se tambem alli com a maior magnificencia o anniversario dos que morreram em defesa da patria. Nos altares em que collocaram as suas imagens e inscreveram os nomes d'estes benemeritos sujeitos, queimam-se incensos ao som de hymnos em sua honra. O rei, que preside a esta festa nacional, á qual assistem mais de quarenta mil guerreiros, saúda os heroes que são objecto da solemnidade; e, por um sentimento não menos justo, dispara cinco frechas contra as effigies dos mortos que fizeram consistir a sua gloria em perturbar a tranquillidade do estado, e isto é ao mesmo tempo como uma especie de castigo.

Os grandes imitam o exemplo do rei, e em seguida são lançados ao fogo os simulacros incensados e os simulacros insultados. Deriva, pois, esta instituição de um sentimento innato nos homens—a justiça. É um effeito do resentimento e da gratidão.

A celebração dos anniversarios vem da mais alta antiguidade. Virgilio dedicou um dos mais bellos cantos da *Eneida* a descrever as festas em que o seu heroe honrava o anniversario da morte de Anchises.

Na maior parte das nações da Europa, as familias festejam os anniversarios do nascimento das pessoas que as compõem, o que é muito para louvar, porque assim testimunham que lhes é agradavel a prolongação da vida dos entes mais queridos.

Todos os povos, mais ou menos, tem instituido solemnidades annuaes para commemorar alguns factos que ennobrecem as nações ou que as povoam de jubilos, taes como, para os portuguezes, a gloriosa data da restauração de 1640, e para os brasileiros a solemne declaração da sua independencia em 1822.